

Copyright@ViaVerita

**EDIÇÃO**

Monica Casa Nova

**CAPA E PROJETO GRÁFICO**

Giovana Paape

**DIAGRAMAÇÃO**

Alexandre Sacha Paape Casa Nova

**IMAGEM DE CAPA**

**DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

D812a

Borges-Duarte, Irene

Arte e técnica em Heidegger / Irene Borges Duarte. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Via Verita, 2019.  
238 p. ; 21 cm.

Bibliografia: p. 223-229.

ISBN 978-85-64565-71-5

1. Heidegger, Martin, 1889-1976 - Estética. 2. Arte - Filosofia.  
I. Título.

CDD - 700.1

Roberta Maria de O. V. da Costa - Bibliotecária CRB-7 5587

Todos os direitos dessa edição reservados à

VIA VERITA EDITORA

Rua Sara Vilela 560

Jardim Botânico - Rio de Janeiro, RJ, 22460-180

Tel.: 21 24222109

www.viaverita.com.br / editorial@viaverita.com.br

www.sistemarsolar.pt

# Arte e Técnica em Heidegger

*Irene Borges-Duarte*

*1ª edição*  
*Rio de Janeiro, 2019*



VV

## Índice

|  |    |
|--|----|
| Capítulo 1: Roteiro  | 7  |
| Capítulo 2: O espelho equívoco   | 15 |
| A questão da Técnica   | 16 |
| Da Técnica à Política  | 19 |
| Um deus  | 22 |
| «Um deus»  | 23 |
| «salvar»   | 23 |
| «só um deus»   | 24 |
| «Já... ainda»  | 26 |
| Como recuperar o vínculo salvador?   | 26 |
| Arte e Literatura  | 27 |
| Língua — Tradução  | 28 |
| O Pensar e a Filosofia   | 31 |
| O tempo da Filosofia   | 31 |
| A transição para um «outro pensar»   | 32 |
| Conclusão  | 33 |
| Capítulo 3: A arte como epifania   | 35 |
| Exposição do tema  | 36 |
| Prelúdio em forma de diálogo: a questão da arte<br>no contexto da produção heideggeriana | 40 |
| Variações sobre um tema de Rafael: <i>Sobre a<br/>  Madonna Sixtina</i>                  | 50 |
| Os elementos da variação   | 53 |
| A obra e o seu destino   | 54 |
| A Sixtina enquanto «imagem»  | 62 |
| Imagem   | 62 |
| Rosto  | 63 |
| O que é uma janela   | 64 |
| O jogo espaço-tempo  | 65 |
| A beleza   | 69 |
| Fuga: arte, técnica, epifania  | 72 |
| Capítulo 4: O templo e o portal. De Paestum a Paul Klee                                  | 79 |
| O templo. A questão arquitectónica da obra de arte                                       | 81 |
| O portal — ou a questão da morte   | 85 |
| Rilke e Klee: variações sobre o tema do Anjo   | 88 |
| A selecção de Heidegger  | 95 |

|  |     |
|--|-----|
| Capítulo 5: Destro e sinistro desassossegado. Os mortais             |     |
| O retorno à tragédia ática   | 99  |
| O canto dos velhos tebanos   | 99  |
| O primeiro estásimo de <i>Antígona</i> (texto grego)                 | 102 |
| Destro e sinistro. Análise sumária do conteúdo do canto              | 102 |
| A tradução interpretativa de Hölderlin                               | 104 |
| O texto nas suas duas versões  | 107 |
| Violento, monstruoso. Referência sumária ao sentido da tradução      | 107 |
| As versões de Heidegger  | 109 |
| O texto nas suas duas versões  | 112 |
| O mais inquietante de todos os entes.                                | 112 |
| A tradução e interpretação heideggerianas                            | 114 |
| Os mortais: a ontologia trágica de Sófocles e Hölderlin em Heidegger | 116 |
| Hölderlin em Heidegger   | 118 |
| Capítulo 6: A arquitectónica do pensar propício                      |     |
| Os silêncios de Heidegger  | 125 |
| Antes de <i>Ser e Tempo</i>  | 126 |
| Em torno aos <i>Beiträge</i>   | 127 |
| A questão da linguagem   | 129 |
| <i>Kehre</i> , a inflexão interferente                               | 131 |
| Jeitos e estilos   | 134 |
| Ser em sintonia: história breve da surpresa                          | 136 |
| Lógica e Sigética  | 137 |
| Fuga e sistema   | 139 |
| Arte arquitectónica  | 142 |
| Arte arquitectónica  | 145 |
| Capítulo 7: A tese de Heidegger acerca da técnica                    |     |
| «Vejo a essência da técnica...»                                      | 147 |
| A pergunta pela essência   | 149 |
| A essência da técnica não é algo técnico                             | 149 |
| A técnica como <i>aletheia</i>                                       | 150 |
| «Ge-stell, expressão amívida ridicularizada e talvez infeliz»        | 152 |
| De Gestell a Ge-stell  | 155 |
| A determinação da articulação de um conjunto                         | 156 |
| A determinação de um lugar   | 157 |
| A determinação de uma figura   | 158 |
| Gestell e Gestalt como <i>morphé</i>                                 | 164 |
| Ge-stell — Gestalt — Gesetz à luz do esquematismo kantiano           | 166 |
|  | 168 |

|  |     |
|--|-----|
| Ge-stell e Gestalt: a leitura de Jünger  | 169 |
| A figura indelével do fugaz  | 172 |
| Expressão infeliz?   | 175 |
| «O vigorar do Ge-stell significa que o homem é posto em situação, solitário e provocado por um poder que se encontra patente na essência da técnica e que ele próprio não domina.» | 178 |
| A tese de Heidegger sobre a técnica  | 181 |

|   |     |
|---|-----|
| Capítulo 8: Imagem e Imaginação na fundação do <i>noum</i>      |     |
| O Universo das imagens técnicas                                 | 187 |
| Imagem e imaginação em Heidegger                                | 188 |
| Génese imaginativa: esquema, imagem pura e projecto de mundo    | 192 |
| Com-posição tecnológica e o espaço de jogo do tempo como imagem | 195 |
|   | 198 |

|  |     |
|--|-----|
| Capítulo 9: O olhar da deusa Atena       |     |
| Grécia: uma distante proximidade         | 205 |
| Atenas, 1967: pensar o vínculo esquecido | 205 |
| Atena e Ge-Stell                         | 210 |
| A circularidade do olhar                 | 213 |
|  | 218 |
| Referências Bibliográficas               | 223 |
| Procedência dos textos                   | 231 |